

DISCO INDIAL



— Estás a olhar para onde?
— Porquê, tens ciúmes?

DON FLOWERS
1 ESC.



...e SARAMAGO

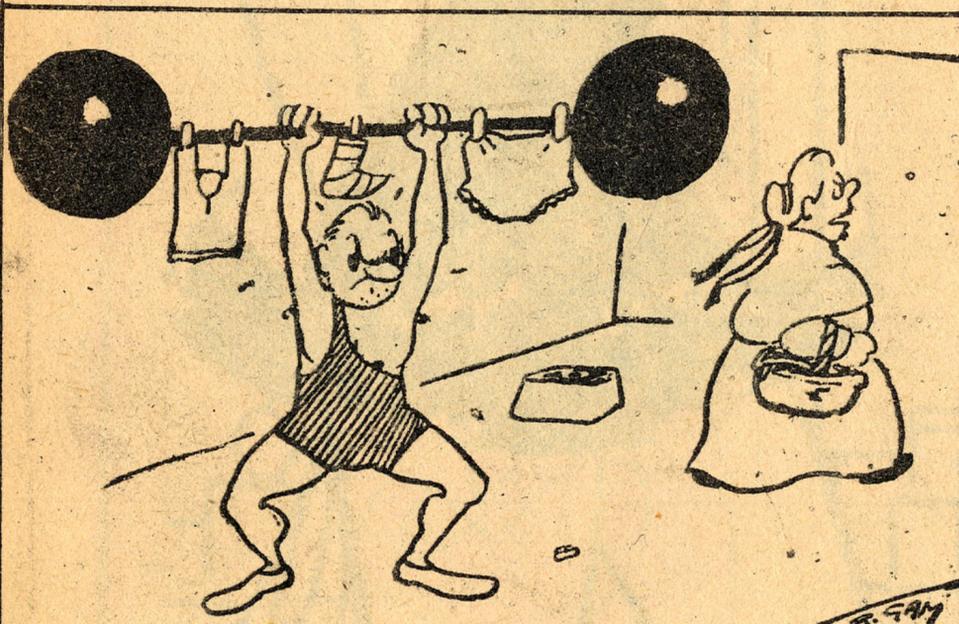
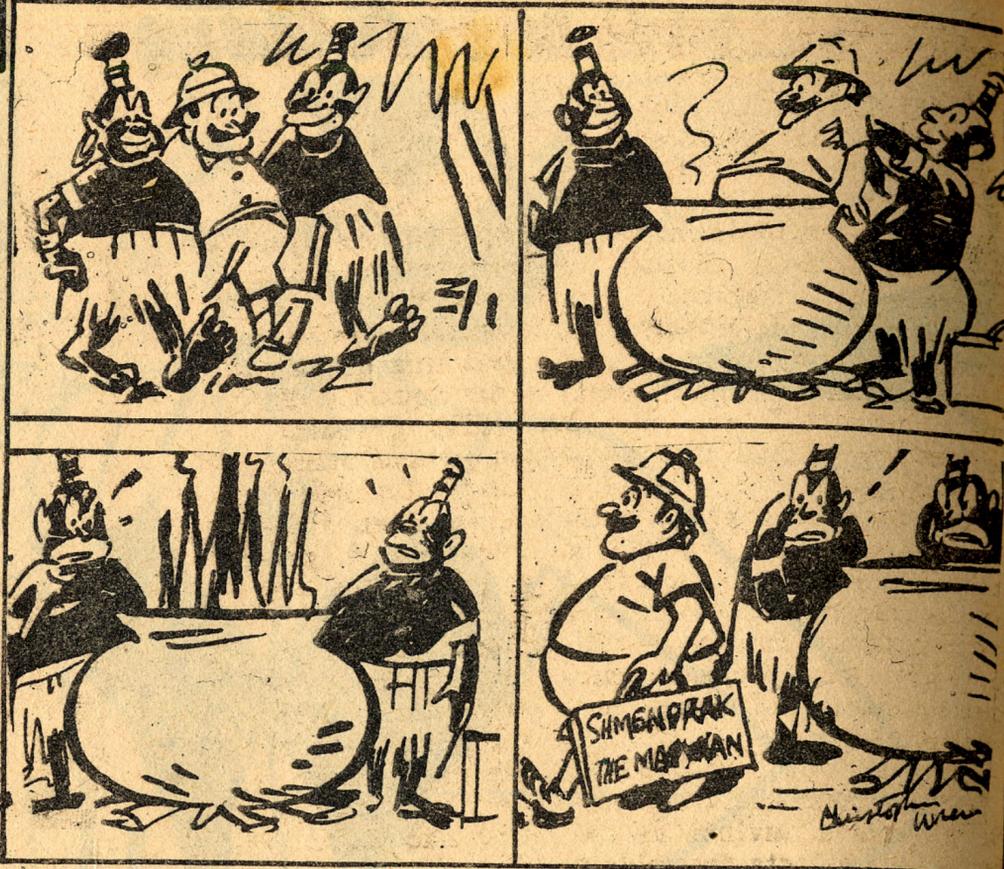
Leitor amigo, de paciência inesgotável, que és capaz de ler o «Riso» até ao fim sem adormecer! Brevemente terás nas tuas mãos um «Riso» tão «Riso» tão «Riso» que terás de despertar o cinto por uns momentos.

Está na forja o sensacionalíssimo numero de Carnaval. Muitas páginas, muitos bonecos... e bonecas! Contos, peças (uma coisa que há muito te pregamos) versos e... e... bem isso é puramente confidencial.

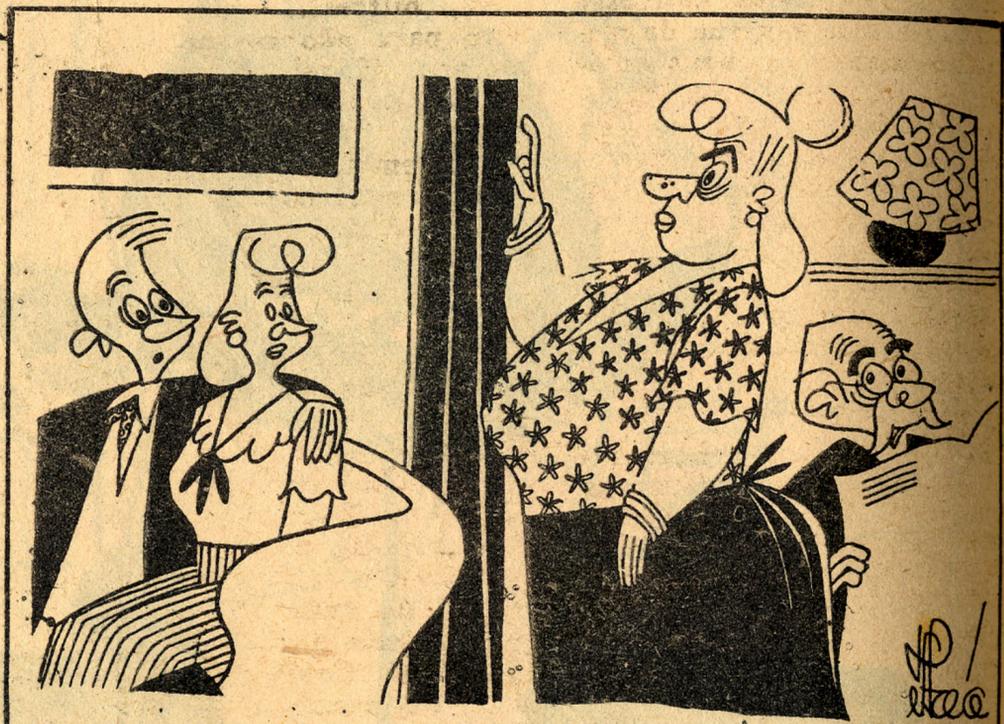
Apenas te dizemos que a coisa é sensacional ao ponto (ponto. Traço. Pontó) de tudo querer saber o que é (e o que é que a Baiana tem?)

Não te esqueças, amigo leitor, de dizer ao leiteiro, ao padeiro, ao vidraceiro, ao carnicero, ao taberneiro, ao merceiro, ao aguadeiro, ao azeiteiro, ao limoeiro, perdão, ao ferreiro, ao sapateiro, ao relojoeiro, ao guarda-«freiro» e ao limpa-chaminés que o «RISO MUNDIAL» é e será sempre o melhor do mundo e...

...SARAMAGO

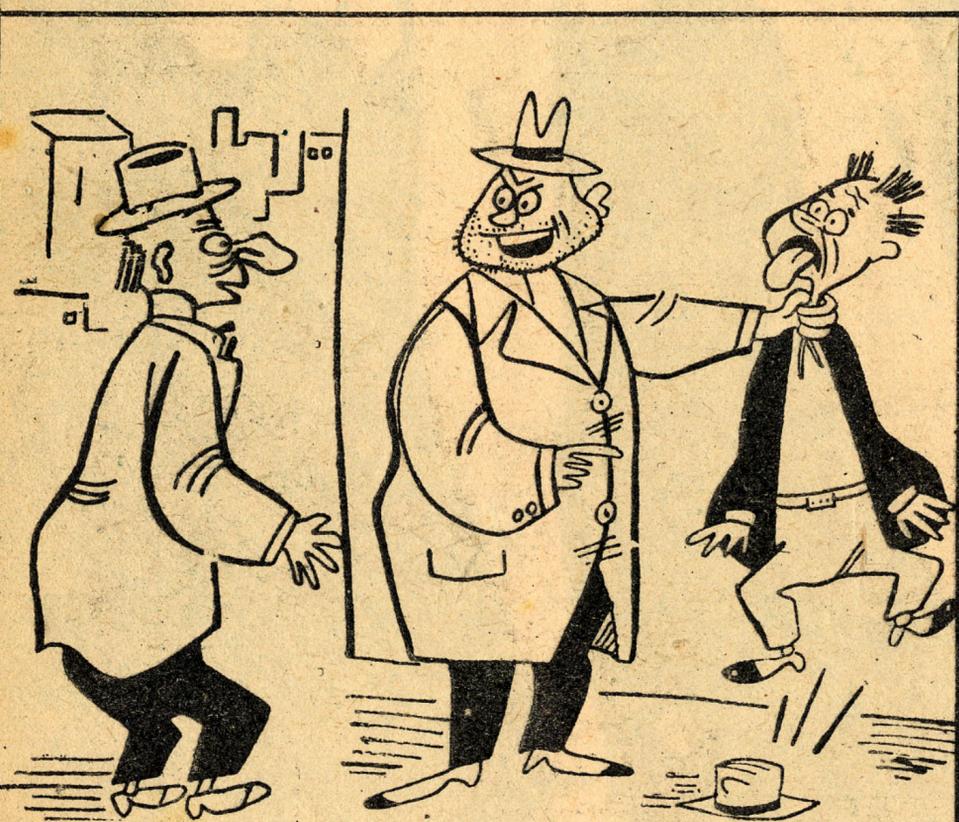


Processo prático para enxugar a roupa em casa.



A futura sogra — O Senhor não acha que por hoje chega?

O namorado da filha — Lá vem a tua mãe com a mania do racionamento.



— Como quer você que eu o largue?! Exijo que ele retire os insultos e os insiste em pôr a língua de fora...

• DOIDICES •

— Está em prova?
 — Absolutamente.
 — Então posso vesti-lo.
 — Faça favor!
 — Não acha que se enganou? Fez a manga do casaco com o formato da calça!
 — Isso não tem importância!
 — E as algibeiras pô-las nas costas!...
 — Creio que os ombros estão muito perto dos joelhos e os botões são uns verdes, outros castanhos!
 — Ah, isso não tem importância!
 — Mas acho o casaco um pouco defeituoso. Por exem-

plo, o senhor não lhe pôs algibeiras por dentro. Colocou-as todas por fora!
 — Não tem importância nenhuma!
 — E creio que esta fazenda não é toda igual. As mangas são dum tecido, as bandas de outro!
 — Isso não tem importância!
 — Ah, não?! Então, tome lá para figos!
 — Ai, você vazou-me um olho!
 — Oh, isso não tem importância!

DON TARA

ENTRE FUMOS DE «CHAMPAGNE»

AQUELA festa do Ano Bom ia adiantada, a animação era geral, e o calor que sempre se gera em tais ocasiões fazia-nos achar divinal o «champagne» gelado, um «champanhe» delicioso, um «champanhe» de ouro, com a mesma frialdade do metal; um «champanhe» com que eu de vez em quando ia refrescando a goela.

Mas, ainda não era o suficiente e eu estava sentindo a cabeça um pouco pesada... era do calor, não havia dúvidas... estava tentado a sair por uns momentos... mas aquele «champanhe»... um verdadeiro nectar...

Mas que vem a ser isto?!...

Comecei nesta altura a notar que estava ouvindo as vozes daquela selecta assembleia como se a mesma estivesse falando a uma centena de metros, enquanto os meus ouvidos zuniam... Seria partida?... Falavam baixo para eu não ouvir?... era uma desconsideração... eu, um doutor!... na realidade era melhor sair... depois a cabeça pesada... mais uma taça só...

Mau!... mas que é isto?... querem brincar comigo... não querem ver!...

Esfreguei os olhos, mas era um facto.

Na taça que eu segurava com mão firme o «champanhe» tomava balanço e de vez em quando escapava-se...

Fiz que não via e levei á boca.

— Irra!!!... já é a terceira vez que em lugar de levar a taça á boca a esbarro com o nariz ou com o queixo.

«Olá, vozes mais próximas... parece que é comigo... é o que eu digo, querem brincar».

Na minha frente um grupo de gentilíssimas jovens ofereciam-me sorrindo as suas taças repletas de «néctar de ouro».

O quê!... afinal, em vez de uma são duas... ou antes, cada uma são duas... a andar á roda desta maneira!!!...

Ah, já compreendo!... não sei como hei-de disfarçar este riso que não consigo domar... beberam demais... estão turvadas, coitadinhas...

Mas logo me indignei: ah! se fosse no tempo da minha avó, se isto acontecia!

Nesta altura antevi o perigo da minha situação e senti calafrios... tinha de sair... que escandalo se amanhã soubesse que o doutor Pietro Donovan fora encontrado num canto duma sala cercado de apetitosas mocinhas ébrias de champanhe... a minha reputação estava ameaçada... tinha de sair...

Mau... agora eram as paredes que dançavam ligeiramente... Oh!!!...

A parede tinha avançado subitamente quando eu procurava o seu apoio...

Curvei-me, então, ligeiramente, para apanhar a bengala que devia estar no chão, com aquela balburdia toda.

Mas o soalho, gentilmente, subiu uns palmos, talvez com uma solicitude um pouco violenta, e eu fiquei tateando o encerado á procura daquele indispensável anexo da minha personalidade... ou talvez tivesse sido a parede que me empurrou...

Procurei. Não... não achava... tinham-na tirado para me obrigar a ficar... o que custa ter uma reputação limpa!... mas não fico... vou já levantar-me...

Ah, biltres!... que teriam feito para não me poder levantar... já sei... foram elas que me empurraram... mas já vão ver...

E arremetendo pelo encerado atravessei por de baixo da mesa e cruzei a porta a são e salvo.

Parece impossível... um doutor sair, de uma festa, de gatas!!!... que vergonha!

Um criado acudiu neste momento e levantando-me, perguntou cínicamente:

— V. Ex.^a precisa de alguma coisa? Está incomodado? Quer que lhe chame um taxi?

Recusei o seu auxílio e pus um pé na rua. O fresco da noite deixou-me uma sensação agradável. Comecei a caminhar. As casas festejavam o Novo Ano meneando-se ritmadamente, e o pavimento da rua desafiava-me com movimentos incómodos a tomar parte na alegria geral... mas eu nada... não cairia noutra...

De repente qualquer coisa no meu estomago deu um arranque tentando chegar-me á boca... mau, outro... e outro... que teria eu comido?!... gato não foi, meu Deus... outra vez...

Oh! Oh! Oh! não querem ver dois candeeiros a bailar para me barrarem o caminho!... mas esperem que já vão ver com quem se metem...

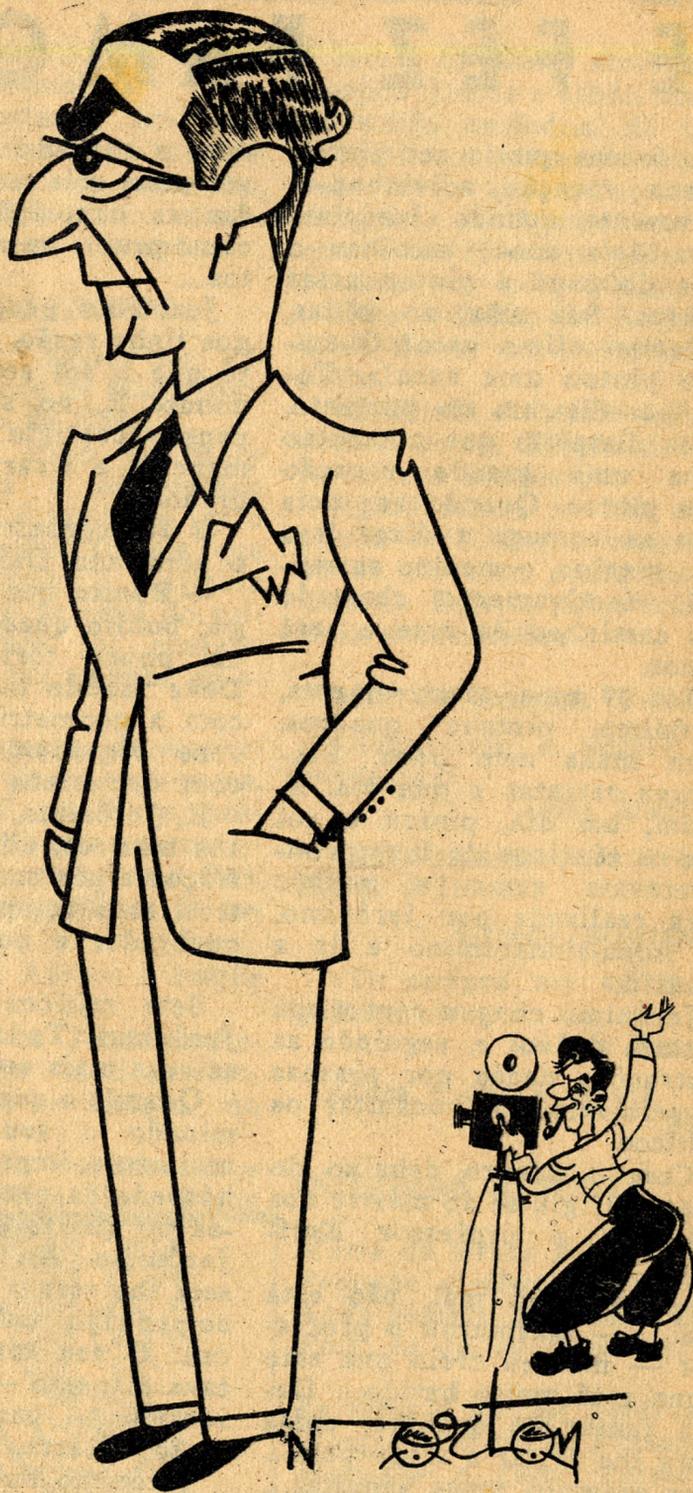
Uma finta agora... e agora passo pelo meio deles... Aii!...

— gritei com voz selvagem. Os bandidos juntaram-se quando eu já estava quase do outro lado.

Mas ainda tive tempo de o agarrar, apesar dele se começar a mecher para me fazer cair. O pior foi que a tal coisa que andava aos saltos aproveitou a minha distracção... e o meu estomago aliviou-se dos pedaços inteiros, de di-

(Continua na pág. 11)

A Caricatura da Semana



GUILHERME PEREIRA DE CARVALHO

Uma interpretação de MARIO NORTON



— Nesta época do ano os rápidos e as cataratas não são muito violentos!

Como Jerónimo SE FEZ FAMOSO

Jerónimo queria ser pintor. A sua vocação adivinhou-se claramente quando Jerónimo tinha dois anos; escolheu o lápis do papá e pintou umas árvores. Sua mãe, ao vê-las, exclamou «Uma vaca! O menino pintou uma vaca!». Todos acreditaram no portento, todos disseram que o menino tinha uma grande vocação para pintor. Quando aos dois anos se começa a dizer isso dum menino, o menino se sentirá, efectivamente, chamado aos caminhos da arte e será pintor.

Aos 19 anos, efectivamente, Jerónimo pintava quadros. Nem maus nem bons. Procurava retratar o que via. E, assim, um dia, pintou o sol que os técnicos do lugar consideravam como a melhor obra realizada por Jerónimo. E, impulsionaram-no a ir a Madrid.

Jerónimo chegou com a sua pintura do sol e, seguindo as instruções dadas por pessoas respeitáveis, foi consultar os críticos.

Com o quadro debaixo do braço dirigiu-se ao mestre dos críticos: o professor Enríquez...

— Não está mal, não está mal... — murmurou o professor — mas eu creio que este tema está muito batido... Devia juntar-lhe qualquer coisa para lhe evitar a monotonia... Por exemplo, umas vaquitas... Claro que as vacas no prado estão muito vistas... Algo de novo, algo de original...

Jerónimo voltou á sua pensão decidido a pintar as vaquitas. Mas, como as vacas no prado eram uma coisa muito natural, pintou-as nas nuvens. E, foi com o quadro, assim emendado, visitar o famoso crítico Burgos.

— Muito bonito e muito original... Mas, este sol está muito redondo... Você não

sabe o cansado que estou de ver esses sois redondos em todas as exposições: redondos como pratos ou como ovos fritos...

Jerónimo pensou que Burgos tinha razão. Não está certo que o sol seja sempre redondo. E, no seu quarto da pensão corrigiu o quadro de maneira a ficar um sol quadrado.

E foi consultar Diéguez, o admirado Diéguez.

— Bonito quadro, meu amigo; bonito quadro... Mas está um pouco torto, não acha? Deve fazê-lo mais de acordo com a geometria. Vós os jovens esquecem a geometria com demasiada frequência.

E, Jerónimo, atento sempre aos mestres, eliminou aqueles traços e pôs em seu lugar outros, tudo composto de linhas quebradas e bonitos triângulos.

Sete críticos mais, visitou Jerónimo. Todos lhe fizeram as suas mais sensatas críticas.

Quando o quadro estava terminado o seu aspecto era, realmente, impressionante. Um hóspede da pensão equivocou-se no quarto e entrou no de Jerónimo. Ao ver o quadro, sem lhe terem avisado ou recomendado calma, enlouqueceu. O seu intelecto não estava disposto — explicava Jerónimo — para tão sublime visão de arte.

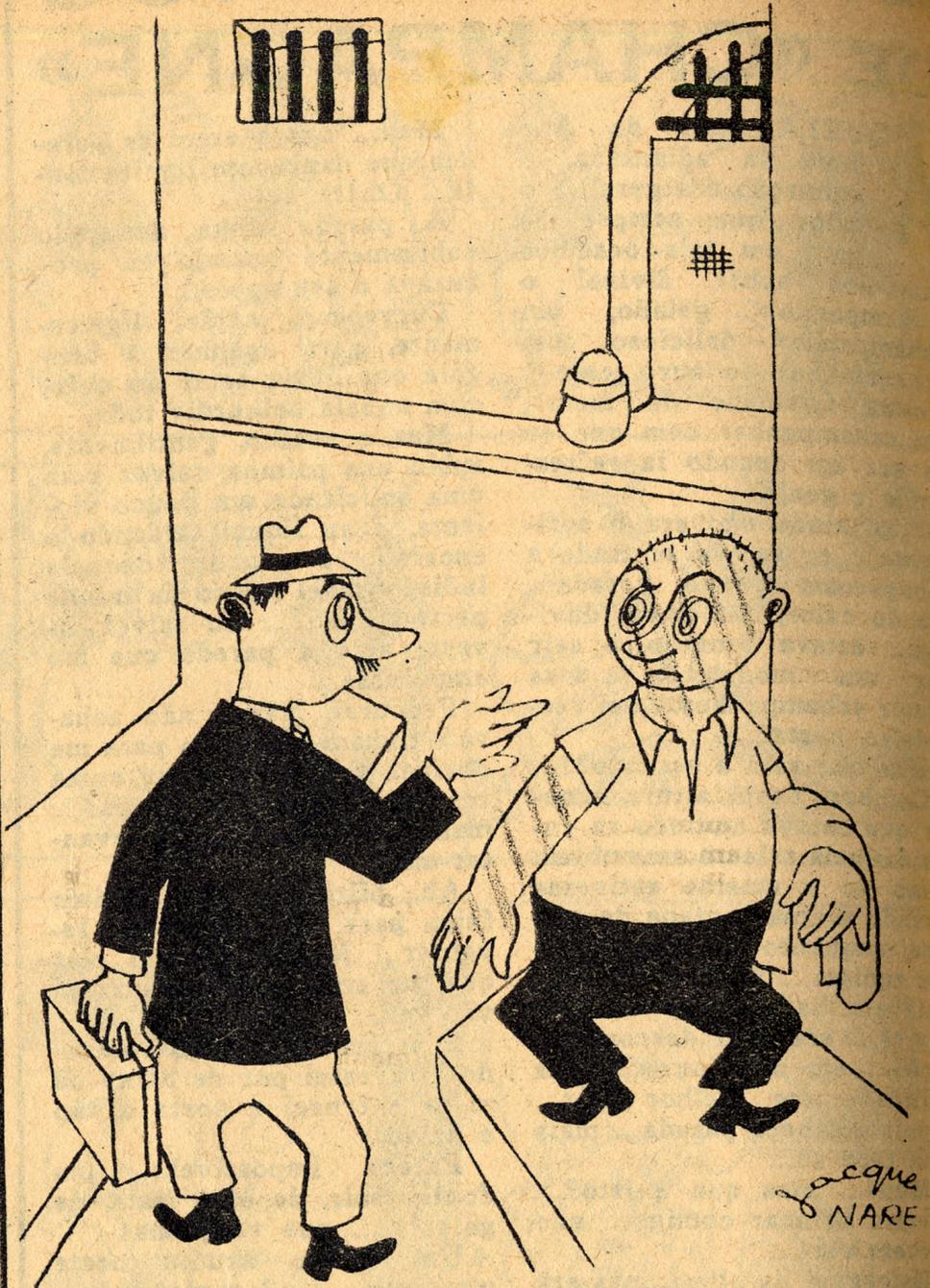
Jerónimo enviou o seu quadro ao Salão de Outono e deram-lhe o primeiro prémio. Desde esse dia a sua fama cresceu e correu mundo.

As más línguas dizem que ele nunca supôs o que queriam dizer os seus quadros antes de ler as críticas. Em todas lhe chamavam querido mestre, o grande pintor do subconsciente.

E assim se fez famoso. (Tradução e adaptação do «Cucu» por Yo Soy Yo).



— Essa coisa de dizerem que neste sítio ha muitos leões, é boato não é?...



— Você esteve ao sol e ficou assim?
— Não, não meu amigo! Eu estive mas foi à «sombra».

— NORTADAS —

O merceeiro Bonifácio Pastor é casado com D. Silvina Anastácia. Naturais de Aldeia Galega, consorciaram-se nesta capital; ambos jovens, belos e unidos pelo mais acendrado amor. A mais perfeita harmonia existe entre os dois: o desejo de um é o desejo do outro.

D. Silvina Anastácia é mãe de família completa: educada, trabalhadora, carinhosa, caritativa, bem merece os rasgados elogios que seu marido lhe faz.

O casal tem quatro filhos, todos pequeninos, e por esse motivo são precisas duas criadas.

Tendo-se despedido uma delas, D. Silvina Anastácia tomou a seu serviço uma provinciana de nome Cadicha, horrorosamente feia, que havia sido recomendada por pessoas de suas relações e amizade.

Nos primeiros dias tudo correu bem; a criada parecia boa. Mas, como D. Silvina Anastácia, pouco amiga de

mandar, costumava fazer todo o trabalho de casa, a Cadicha foi aos poucos esquecendo as suas obrigações, deixando-se ficar no seu quarto, cuidando da sua «toilette».

A dona da casa, compreendendo o abuso da criada e vendo numa destas manhãs o serviço inteiramente por fazer e abandonado, diz:

— Cadicha, vá varrer o quintal.

— Não varro, porque está limpo.

— Então vá arrumar a casa.

— Não é preciso; o que eu tinha a fazer, já fiz.

— Vá arranjar as camas.

— Não vou.

— Pois então vá-se embora, que eu não a quero mais cá.

— Eu também não quero cá estar, mas não vou.

E mirando-se num espelho, a pôr «bâton» nos lábios, concluiu, em tom colérico.

— O que a senhora tem é ciumes de mim com o patrão.

MARIO NORTON

RISO LITERÁRIO

—Página dirigida... ao leitor
por

José Descarado —

Duas palavrinhas
para entreter

Amados leitores:

Ao iniciar a publicação desta estupenda «Página Literária», o «RISO» só tem em vista e debaixo de olho (salvo seja!) reunir nas suas risonhas colunas de papel impresso a prosa e o verso das grandes, médias e pequenas penas da nossa terra.

Nesta página (e na seguinte, se fôr necessário) terão entrada de borla, e isto sem favor, todos aqueles que honram as letras com a centelha — mas que grande telha! — dos seus cérebros luminosos, tão fosforescentes como os fósforos «Monte-Mar», que são, sem reclamo nem vaidade, uns dos melhores do Mundo! Riscam na caixinha que tem uma boia de salvação e, às vezes, só acendem para nos arrelhar... principalmente quando subimos a escada, á noite, com a nossa vizinha das águas-furtadas...

Mas, como íamos escrevendo, nesta «Página» encontrarão os leitores e suas Ex.mas Famílias o melhor que se encontra á venda no Mercado Negro das Letras; e, para isso, contamos que os Autores nos enviem os seus livros, de preferência autografados, no caso de os autores saberem escrever os seus nomes.

Venham, pois, livros, muitos livros, nem que sejam de papel para fumar! Enviem-nos os vossos livros, que nós cá estamos para lhes tratarmos da saúde!

Lisboa, (Portugal), tantos e tantos de tal.

Pelo «RISO MUNDIAL»

JOSÉ DESCARADO

— Um vosso criado —

A NOSSA ESTANTE

Neste instante, podemos informar que a nossa estante é de pinho pintado á pistola. (Que grande tiro!). Tem três prateleiras com pó e ás moscas.

Ora, não há direito que, numa Redacção como a do «Riso», toda cheia de pergaminhos, de berliques-e-berloques, de ricócs e de Etc., haja só uma estante!

Mas, voltemos ao assunto que nos trouxe aqui de «elétrico»... A nossa estante possui, além das três citadas prateleiras, uma porta e uma janela... perdão!... uma porta envidraçada, com os vidros partidos, que cortam como lâminas para aparar os calos!

A nossa estante tem, ainda, uma gaveta com o fundo roto, onde guardamos, além dos artigos de fundo, outros artigos de 1.^a necessidade e em 2.^a mão, tais como: bacalhau, arroz, feijão, açúcar, etc., etc., que temos sempre de reserva, para os banquetes que habitualmente oferecemos aos nossos estimados fornecedores, quando eles nos visitam, trazendo na mão os papelinhos da água, do gás, da electrici-

dade, da renda da casa e doutras más Companhias.

A nossa estante tem teias de aranha, tem um pé torcido, tem as costas com caruncho, tem... tem, tem tudo... menos o que é preciso: livros!...

LIVROS RECEBIDOS:

«Raparigas: vamos ao Vira!» — romance de Mary Couve — Edição da Casa.

Mais um livro de Mary Couve! — eis a exclamação que nos veio á boca, ao ler o nome da genial (dizem que tem muito génio...) escritora polaca no alto da capa do primeiro que nos foi enviado pela Autora, faz amanhã quinta-feira...

Lemos o romance da esquerda para a direita e vice-versa. Gostámos. E' um livro próprio para senhoras, costureiras, parteiras, mulheres a dias, cabeleireiras e meninas da escola.

Parabéns á Autora e beijos aos meninos.

«O Sabão na Idade-da-Pedra» — estudo bibliográfico, por A. Limpo — Edição do Autor.

E' a história romanceada e auto-bibliográfica (isto é que

é lata!) do sabão através dos tempos. Desde o sabão macaco ao sabão amêndoa, de todos os sabões e sabonetes nos fala este livro que o conhecido droguista A. Limpo escreveu com a sua rica caneta de tinta permanente com «bigoudis».

Este trabalho de A. Limpo é, de facto, um trabalho limpinho.

«O Borda d'Água» — Autor desconhecido. Edição do «Alfarrabista Matias».

Agradecemos os 200 exemplares recebidos e vamos fazê-los circular, conforme pedido do Editor, pelos leitores mais necessitados.

Frases de Autores Célebres:

«Acaso isto é descer, viscondessa?»

Júlio Mantas

«Desafasta-te para trás, ó Incas, ó Incas!»

Alfredo Mostarda

«Tu sempre me saíste um gaibéu!...»

Alves Bemol

«Essa é que é essa!»

Eça

QUADRAS A SOLTA

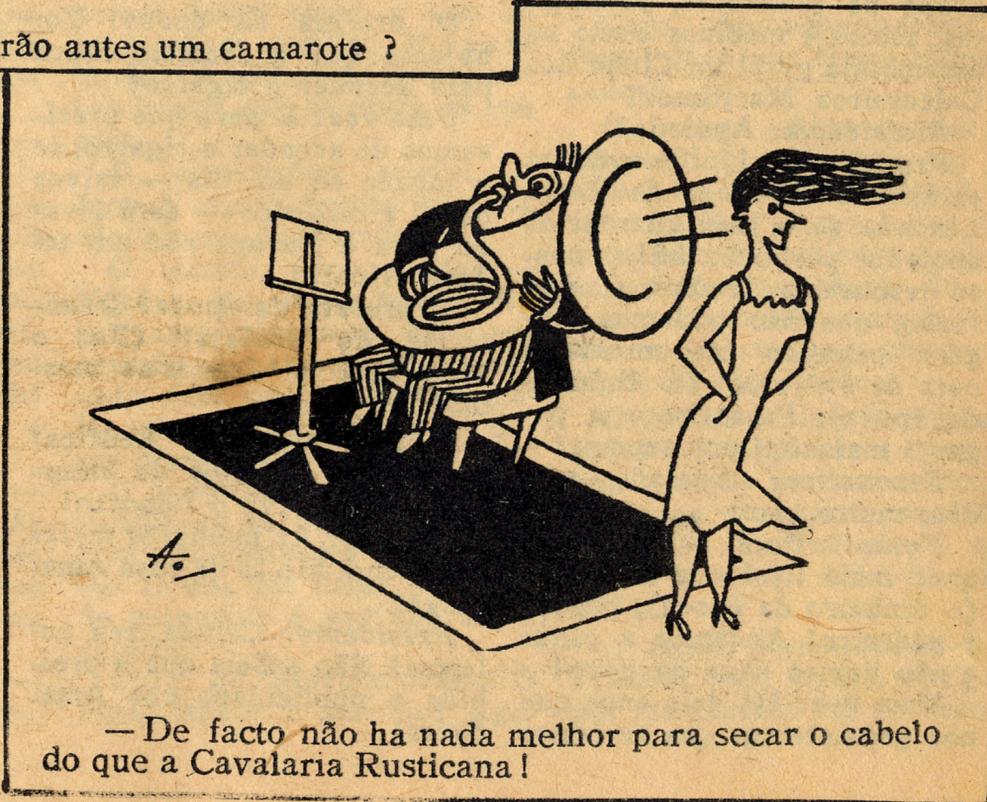
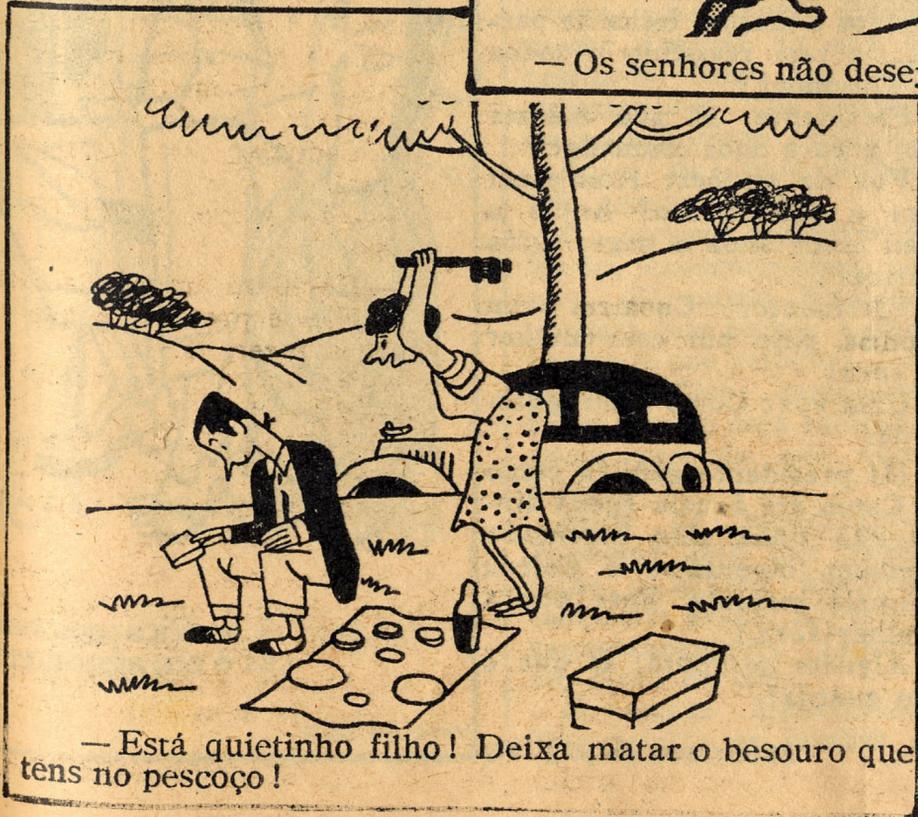
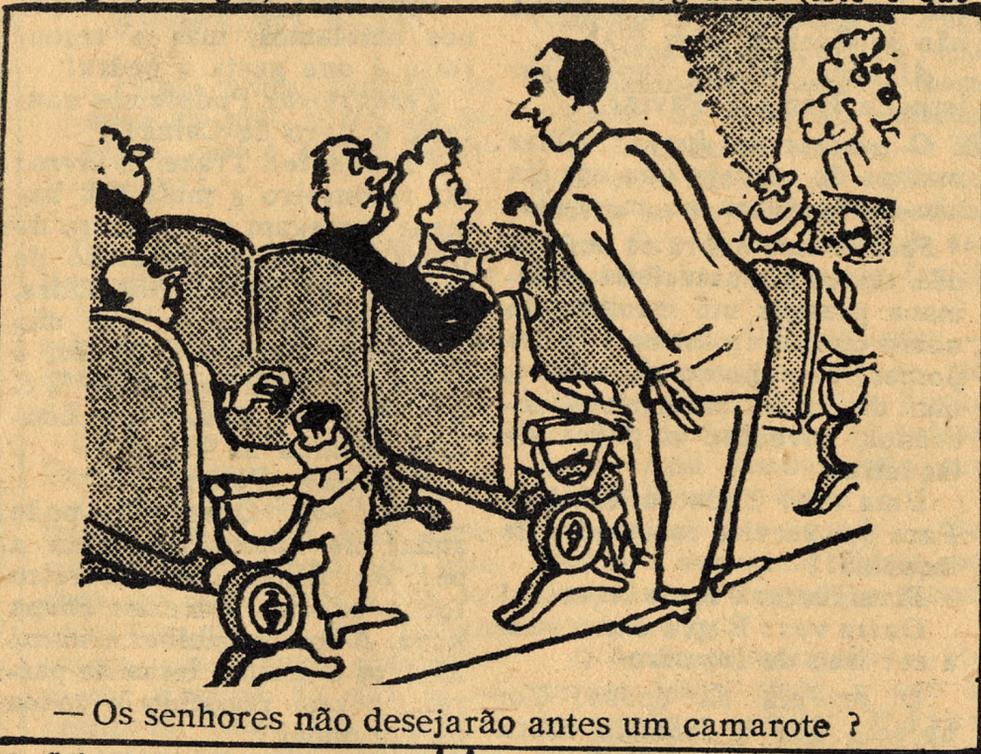
Maria da Graça é uma Pequena d'olhos em bico. Anda sempre a comer fruta... Pois, eu cá, só depenico!

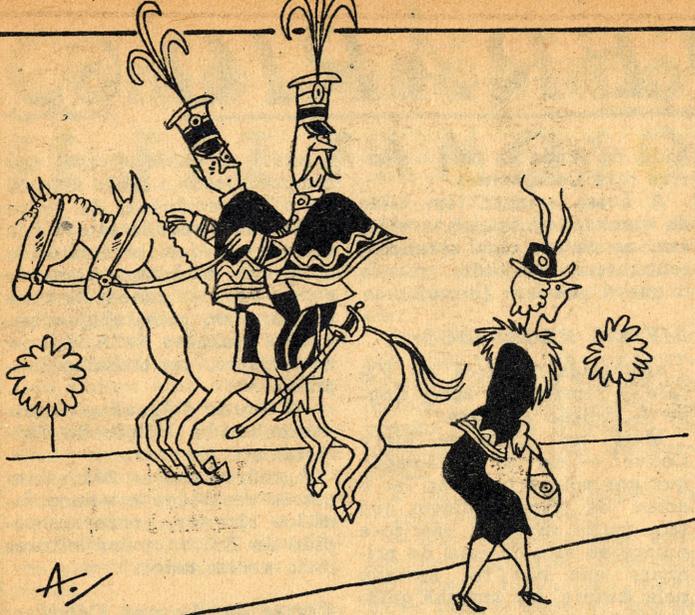
Se vires a mulher perdida, Mostra bem que és Português! Mata-lhe a fome, coitada!... E dá-lhe um «balde de três»!

Deitei um limão correndo; A tua porta parou. C'os limões a duas «c'roas»... Mas que palerma que eu sou!

— Do «Cancioneiro Popular Aldrabado» —

E' expressamente proibido cuspir nesta página.





O capitão — Haverá coisa mais ridícula que aquelas peninhas que as mulheres usam nos chapéus?

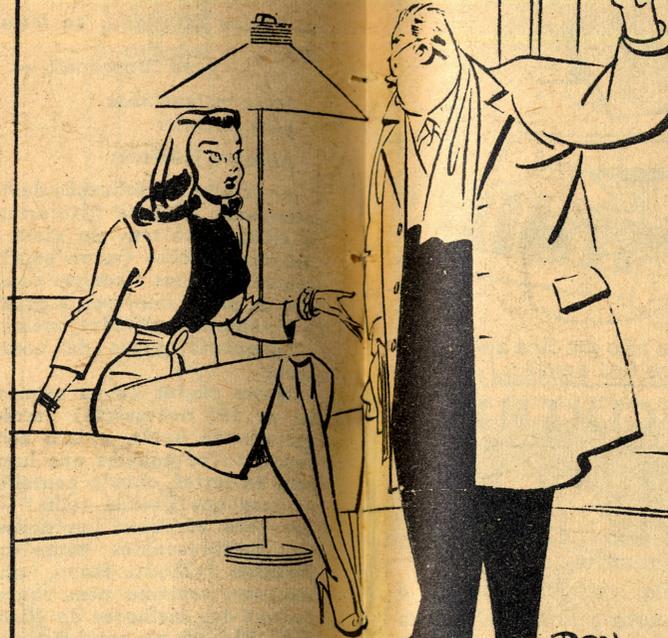
E COM QUEM?

Madame Laparre, que é conhecidíssima nos meios sociais e artísticos pelos inúmeros «passos em falso» que tem dado durante a sua longa vida de casada, sofreu uma torção no pé direito ao sair do cabeleireiro Tornet.

Aflito, o esposo, velho capitalista, foi a casa do médico da família, sem perder um minuto, sequer.

—Doutor! Por amor de Deus! Venha depressa comigo. Laparra sofreu uma torção, deu um passo em falso...

— Mais um? — exclamou o médico —. E com quem?...



DON FLOWERS

— Então, querido, quando compras o novo automóvel?

— O' filha, a «espada» que tenho chega muito bem!... Eu já não estou muito novo!

EXC. DO KING

ÀS AVESSAS

Elegantemente vestido, ele preparava o seu cavalo para dar o seu habitual passeio.

Estava a colocar a sela quando um homem, parando diante dele examinou o cavalo, a seguir o cavaleiro e depois os arreios começando, então, a rir gostosamente.

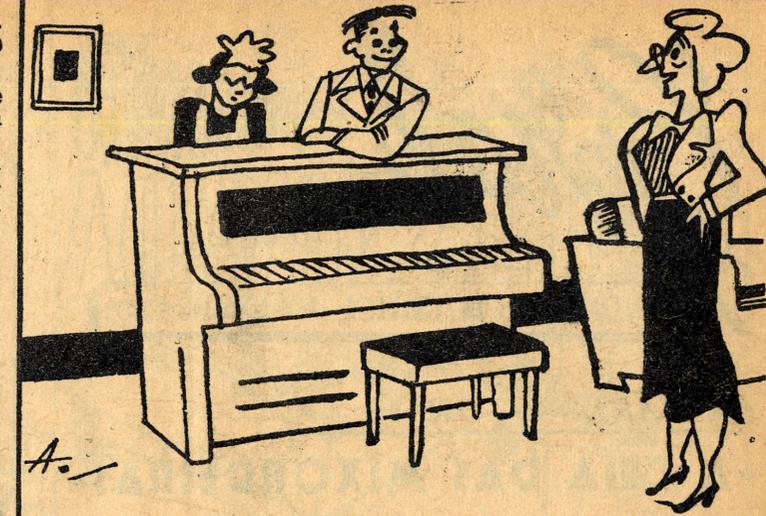
— De que é que você se está a rir? — pergunta o cavaleiro.

— E' que o senhor colocou a sela às avessas... Não vê que ela está com a frente para trás?!

O cavaleiro que, decerto, era uma pessoa distraída mas que não gostava que se rissem dele, olhou o outro com superioridade e disse:

— Como é que você pode afirmar que eu coloquei a frente para trás se ainda não sabe para que lado vou eu?!...

A.



— Que estão vocês fazendo aí atrás do piano?
— Não é nada mamã. Vim mostrar à Maria a teia de aranha.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

no Círculo Artístico e Literário — «Os Excelsos Precursores da Arte»
por SANTOS FERNANDO

(época: Idade da Pedra)

Presidente: Caros confrades, colegas e associados! O nosso fim é velar pelo interesse dos que não de vir numa época futura e deixar semeado aquilo que eles não-de colher!

Assistência: Bravo!

Presidente: Bravo era o vosso tiol! Deixai que continue. Este ano D. João de Melenas descobriu o Senhor da Pedra e o Senhor da Rocha: a nossa Agremiação honra-se por ter entre si tão ilustres e fidedignos personagens!

Assistência: Apoiado!!!!
Tesoureiro: Peço-lhe, senhor presidente e digno director desta realíssima academia, o favor de não divagar e entrar no assunto material!

Uma voz: Vai roubar chumbo!

Presidente: Senhores, lembrei-vos que estamos num grupo de escritores, jornalistas, sábios e médicos e não na assembleia geral do Clube dos Calceteiros Marítimos!

Assistência: Apoiado!

Presidente: Muito embora estejamos na Idade da Pedra Lascada, seria bom guardar os apoiados para amanhã! O nosso tesoureiro lembra, e com razão, que não podemos singrar pagando unicamente a cota de 5 tijolos! (O dinheiro da época). Passaremos a pagar 5 maticões por semana!

Tesoureiro: Apoiado, perdão, muito bem!

Vozes: Fora, o tesoureiro quer mais tijolos e maticões (o dinheiro da época), porque é pedreiro! Andamos a pagar e não vemos nada de novo!

Uma voz: Há dois anos que nos prometeram que teríamos

uma instalação eléctrica, uma telefonia e um telefone!

Presidente: Calai-vos, cáfila de imbecis! Nada disso ainda foi inventado! Roma e Pavia não se fizeram num dia!

Alguém: O que vem a ser isso de Roma e Pavia?

O profeta da época: Duas marcas de cerveja que um dia não-de aparecer no mercado!

Presidente: Sobre os ombros não temos só maticões! A semana passada um membro do nosso círculo inventou a pedra pomes! E o nosso secretário, mui digno caricaturista e co-brador, inventou a pedra de isqueiro!

Uma voz: Tudo futilidades! Para que servirá essa pedra de isqueiro?!

Presidente: Para o isqueiro!
Outra voz: E que diabo vem a ser isso de isqueiro?

O profeta da época: Um objecto que o Homem usará para acender o cigarro!

Uma voz: E para que precisamos de acender o cigarro, se o tabaco só um dia — talvez daqui a milénios — será levado para a Europa por um tal Jean Nicot?!...

O profeta da época: Demitto-me de profeta! (Faz o Hara-Kiri e demite-se mesmo).

Vozes: Viva o Benfical! Abaixo os inventos da «murrinhonha»! Viva o Póoorto!

Alguém: As melhores meias de futebol são as da casa Amadores!...

Presidente: Caluda, seu palerma! Não sabeis que é proibida a publicidade aos Amadores!

Assistência: Não queremos aumento nas cotas!

Presidente: Já temos pouca pedra! (Dinheiro da época).

Uma voz: Pois é! Nós é que nos amolamos, mas o tesoureiro é que gasta a pedra!

Tesoureiro: Poderemos conferir o livro de Caixa!

Presidente: Trazei o livro! (O tesoureiro e mais 200 homens carregam com o livro de Caixa, que é um maticão de setenta e tantas toneladas. Conferem as contas, que não conferem. Faltam 8 tijolos, 4 pedras e 7 maticões — T8, P4, M7 — câmbio de Londres. Pânico na sala.)

Multidão: Fora!

Uma voz: Quem não pode andar de automóvel, anda a pé! As filhas do tesoureiro todos os dias estream roupa nova. A minha mulher traz há 25 anos a mesma folha de parra... e tem resistido a todos os Outonos!

Presidente: A sua mulher não é para aqui chamada!

Voz de mulher: Hom'essa! Era o que faltava! Antão o meu home anda a pagar pr'ós outros?!

Presidente: Chamem um guarda, para pôr essa mulher lá fora!

Uma voz: Como é um guarda?

(O presidente explica como é. Como até àquela época ainda não tinha sido inventado nenhum, inventa-se o guarda naquele instante. Este põe a mulher fora.)

Alguém pergunta: O que é um guarda?

(Continua na pág. 11)



DON FLOWERS

— Fica combinado! Logo emprestas-me as tuas calças e eu, agora, empresto o meu chapéu!

EXC. DO KING

O HIPNOTIZADOR

POR CAMI

PRIMEIRO ACTO

(Uma praça publica, no meio da qual, sobre um tablado, está o astuto hipnotizador).

O astuto hipnotizador — Respeitável publico: vou ter a honra e o prazer de realizar, ante tão escolhida concorrência, várias experiências de hipnotismo científico.

Coro de espectadores — Perfeitamente.

O astuto hipnotizador — Vou começar por uma experiência curiosíssima, que consiste em fazer crer a um espectador que o seu relógio marca uma hora completamente distinta da que é, na realidade. Rogo aos distintos espectadores que consultem os seus bonitos relógios.

Coro de espectadores — Não temos relógio.

O astuto hipnotizador — Então, experimentarei com o meu. (O astuto hipnotizador procura nos bolsos e não encontra o seu relógio). Respeitável publico: tampouco eu tenho aqui o meu relógio. Ah! agora recordo que nunca o tive!

Coro de espectadores — Homem! Isto que acaba de dizer o grande hipnotizador tem certa graça. Rir-nos-emos espontaneamente. (Riem em em clave de dó).

O astuto hipnotizador — Vou iniciar as minhas experiências de hipnotismo.

Pego ao respeitável publico que uma pessoa das que o formam, o favor de subir ao tablado.

O espectador ousado — Eu subirei! (Sobe ao tablado, acerca-se do astuto hipnotizador e fica quieto a fim de ser hipnotizado com mais facilidade).

O astuto hipnotizador — Olhe fixamente para as minhas pupilas! O poder hipnotizador de todos os hipnotizadores está concentrado nos olhos! Fixe-me bem!

O espectador ousado — Senhoras e senhores: Neste momento estou fixando o grande hipnotizador.

O astuto hipnotizador — Reparem como muda a cor do espectador ousado. Vejam também a expressão de assombro brutal que se pinta na sua cara.

O espectador ousado — Isso é muito bonito mas eu não estou adormecido!

O astuto hipnotizador — Você o que sabe, tonto! Na sua cara pintou-se uma expressão de assombro, provocada, sem duvida alguma, pelas minhas extraordinárias doses hipnóticas.

O espectador ousado — (Dirigindo-se ao publico) — Este bom hipnotizador equivocou-se. O que me deixa perplexo de assombro é ver que ele é zarolho!

Coro de espectadores — O hipnotizador é zarolho! Agora

sim! Agora podemos estar em fortes gargalhadas! (Lançam todos ruidosas gargalhadas).

O astuto hipnotizador — Não há motivo para essas risotas. Sou zarolho, com efeito! Falta-me o olho esquerdo, com o qual já hipnotizei milhões de pessoas e animais em Londres, Chicago e Madagascara...!

SEGUNDO ACTO

(A mesma praça publica). O astuto hipnotizador em tentado hipnotizar vinte e sete espectadores ousados, sem o conseguir).

Coro de espectadores — Fora! Mas que fraco hipnotizador!

O astuto hipnotizador — (Quando o publico se vai furioso) — Caramba! Isto é estranho! Mas como é que não consegui hipnotizar nenhum espectador ousado?! Eu sei que sou zarolho mas o olho que me resta tem um poder hipnótico duplicado.

O íntimo amigo do hipnotizador — Esqueceste que ontem á tarde perdeste o unico olho que te restava, num acidente de automóvel, e que, agora tens os dois de cristal?!...

O astuto hipnotizador — E' verdade, meu amigo, obrigado por me fazeres luz no caso!

Opal

RESERVADA

APONTAMENTOS DE CRÍTICA POR ROUSSADO PINTO

no **MARIA VITORIA**

«A CEIA DAS MIXORDEIRAS»

«A Ceia das Mixordeiras» que Fernando Santos e Almeida Amaral escreveram é mais uma das muitas farsas à obra de Júlio Dantas. Interpretada por Tereza Gomes, Mirita Casimiro e Leônia Mendes, conseguem dar um fim de espectáculo agradável, tão ao gosto do público que frequenta as revistas do Parque e consome as piadas torcidas e retorcidas de todos os espectáculos do género. Da interpretação, à parte Mirita Casimiro que se excedeu e nos mostrou de novo a sua personalidade nesta figura, Tereza Gomes e Leônia Mendes dão verdade aos «tipos» que representam. Foi oportuno a apresentação deste quadro, dando-se o caso de «A Ceia dos Cardiais» ainda estar em cena. Do contraste, vive «A Ceia das Mixordeiras». Mas que pena ser tudo tão pobre...

A Empresa Rosa Mateus e a Imprensa

Há poucos dias um nosso colega de Imprensa comentou o caso de não ser concedido aos jornalistas em missão determinada todas as facilidades necessárias, para bem cumprirem o seu dever de bem informarem o público. Vem isto a propósito da empresa ROSA MATEUS não conceder ao nosso crítico teatral as possibilidades de trabalhar em boas condições. Não sabemos porque o fizeram, nem queremos pensar mal. No entanto...

Tomaz Macedo e «O Filho do Homem do Ribatejo»

Henrique Campos depois de ter pensado dar o principal papel do seu filme «O Filho do Homem do Ribatejo», ao actor Tomaz de Macedo, desistiu da ideia pela elevada estatura do referido artista. Algum dos nossos leitores conhece, sem ser o «velho martelo», um remédio para diminuir a estatura?

A rainha eterna — ou a eterna mentira

Os leitores recordam-se do cortejo histórico? Nele, tivemos ocasião de admirar as simpáticas pequenas que foram escolhidas para Rainhas. Agora, que tudo passou, não podemos deixar de lamentar «reinados» tão curtos. E tudo não passou de ilusões. Os projectos — e então eram às dúzias: cinema, rádio, teatro! — continuam a ser projectos! Sobre a Eterna — continua a esperar eternamente... até en-

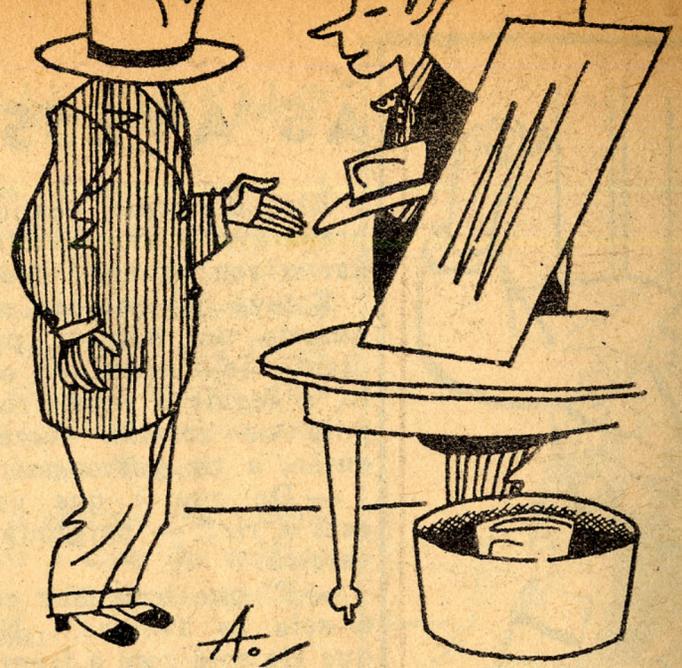
velhecer! Já há quem lhe tenha encontrado cabelos brancos!

Três vezes nove — vinte sete!

Zeca Fonseca, no seu camarim, comunicou-nos a sua vontade de fazer cinema. Temos de considerar que tem os gostos muito estragados... ou então é sonâmbula. Como se o cinema entre nós existisse!

Alberto Ribeiro vai ao Brasil para...

...não fugir à regra. Parte por estas semanas mais próximas, e não deve voltar tão cedo. Que saudades, que saudades...



O freguez — Este é o unico que não me fica apertado! Quer acender a luz para ver se me fica bem?

VELHOS CONHECIMENTOS

... do AMÉRICO JOSÉ GÍRIO

O marido da Felizmina do lugar é de uma magreza verdadeiramente impressionante.

E' um homem tão magrinho, tão magrinho, tão magrinho, que o patrão quando nota a falta dele lá na loja já sabe que por engano alguma freguesa o enfiou na gaveta das linhas.

///

Recordei-me agora do Sertório Balhelhas. Calculem os leitores que Balhelhas era um tipo tão sêco, tão sêco, tão sêco... que nem tinha fontes.

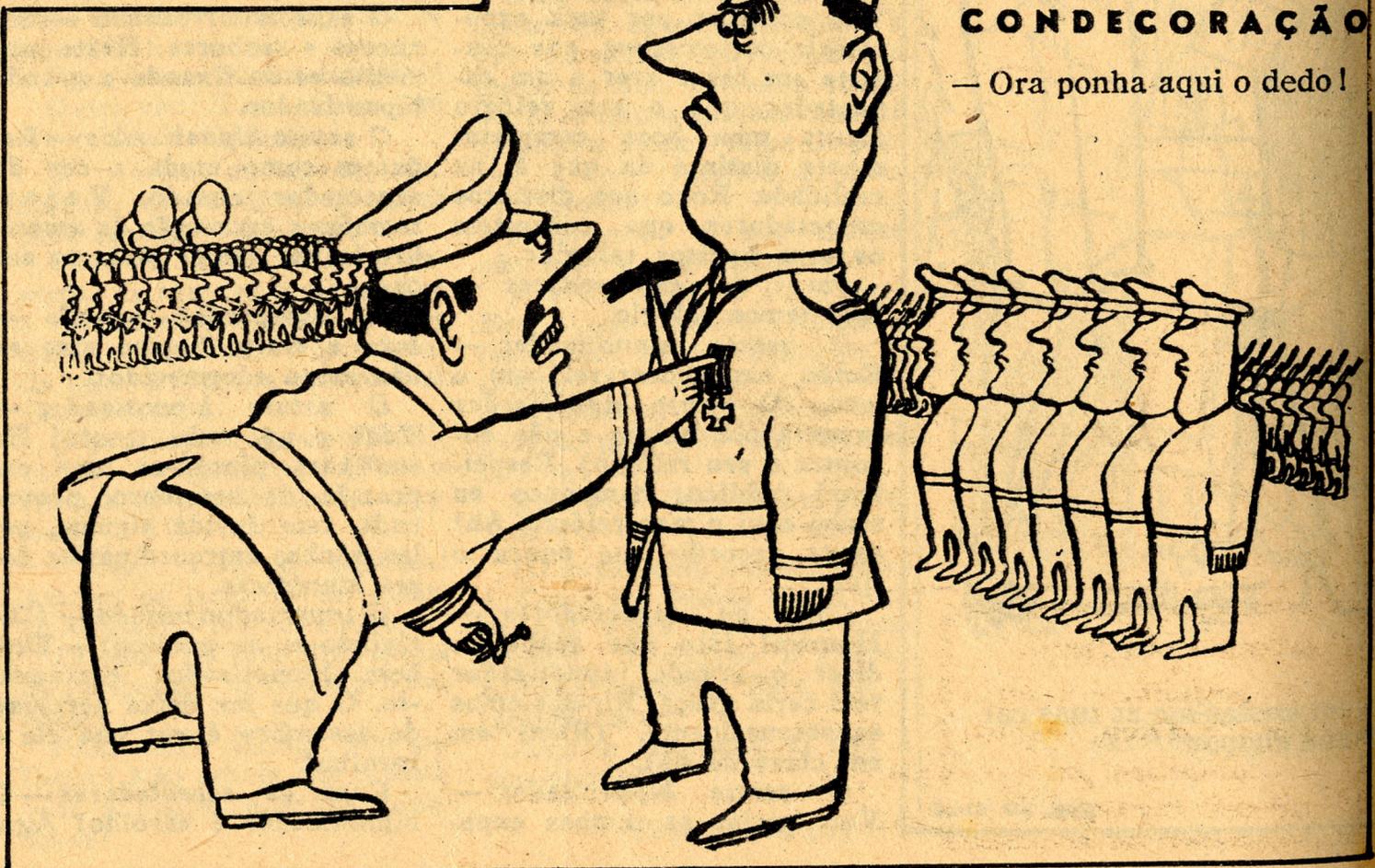
///

Ah! E o porteiro do meu prédio, o Gervásio! Desde nascença que uma enraizada antipatia pelo trabalho o acompanha.

E' tão preguiçoso, tão preguiçoso, tão preguiçoso, que meia hora antes das refeições manda a dentadura postiza para a mesa para lhe ir mastigando a comida.

///

O Saramantigas, meses antes de morrer, cresceu tanto, tanto, tanto, que para cortar as unhas dos pés viu-se obrigado a mandar colocar um elevador nas pernas.





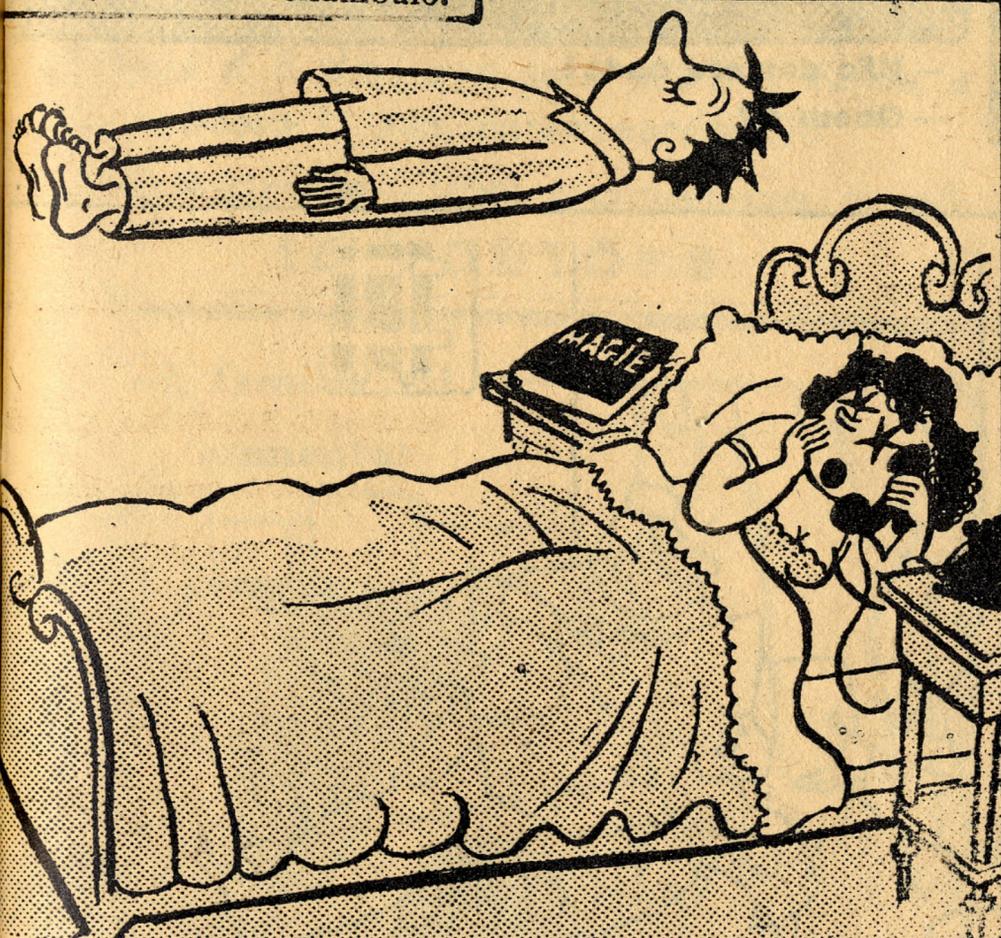
— Aldrabões, intrujaram-me; pede uma pessoa um carro de dois cavalos, e no fim são dois burros.



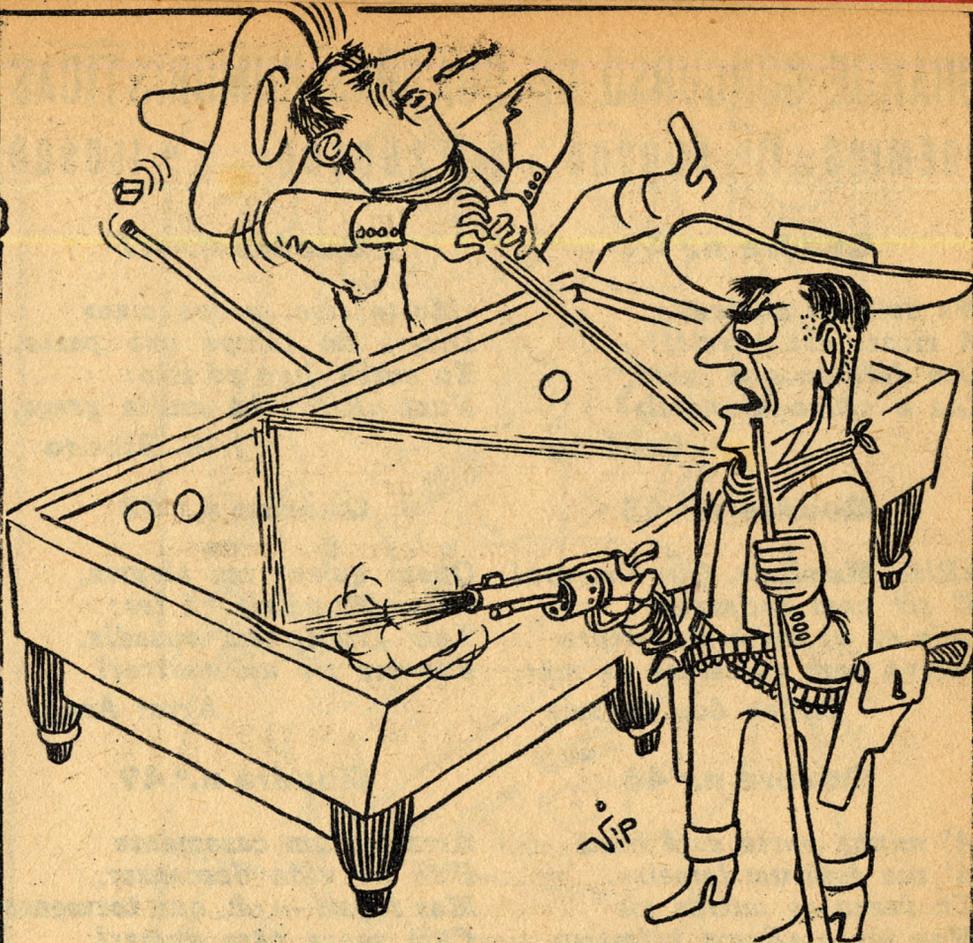
— Chu u... u... pouco baltho que eu sou sonambulo.



O Médico — Ponha a lingua de fora! Isso... Agora falo eu!



— Doutor... doutor; meu marido esteve a ler magia...



A MORTE ÀS TRÊS TABELAS

O CAMINHO DO CÉU

Um padre, em visita a uma pequena cidade do interior, procurou os Correios para remeter uma carta.

Não sabendo onde ficava, perguntou a um garoto que por ali passava:

— Menino, sabes onde fica o Correio?

— Sei sim senhor.

Vai por esse caminho e dobra á esquerda. O Correio é a quarta casa á esquerda.

O vigário agradeceu e perguntou ao menino:

— Meu filho, és católico?

— Sou, sim senhor!

— Queres ser emissário de Deus? Vem comigo que eu te ensinarei o caminho do Céu.

O garoto reflectiu um pouco e respondeu:

— Ora, «seu» Vigário, se o senhor não sabe onde fica o caminho do Correio, quanto mais o caminho do Céu!...

ATENÇÃO!...

E' já no próximo número que «RISO MUNDIAL» apresenta o seu fantástico número de Carnaval! Trinta e duas páginas repletas de bonecos e de prosa que farão rebentar a rir os cidadãos mais pacatos!

Conheça a sua terra!

O combóio, é o meio mais prático, seguro e económico para conhecer Portugal.

VIAJAR NAS LINHAS DA C. P. É CONHECER PORTUGAL.

GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORISTICAS

PRÉMIOS: 1.º 500\$00 — 2.º 250\$00 — 3.º 150\$00

ESQUELETOS NO AR

Quadra n.º 44

*Na sala da anatomia,
A risota era geral!!!
Um defunto que sabia,
Lia o «Riso Mundial»!*

Good by

Quadra n.º 45

*«Riso Mundial». Que loucura!
E rir com satisfação,
pois eu no meio da leitura
estava com as calças na mão.*

Carlos dos Jornais

Quadra n.º 46

*A' minha porta está lama
A' tua está um lameiro.
Tu fazes os outros rir
Mas lês o «Riso» primeiro.*

J. A. Ribeiro

Quadra n.º 47

*«Muito riso, pouco sizo»
Diz-se no tempo que passa.
Eu então digo só isto:
Num «Riso» há muita graça,*

J. A. Ribeiro

Quadra n.º 48

*Quem quizer ter alegria,
«Riso Mundial» vá ler:
Tem graça, tem ousadia,
Faz-nos rir até morrer!*

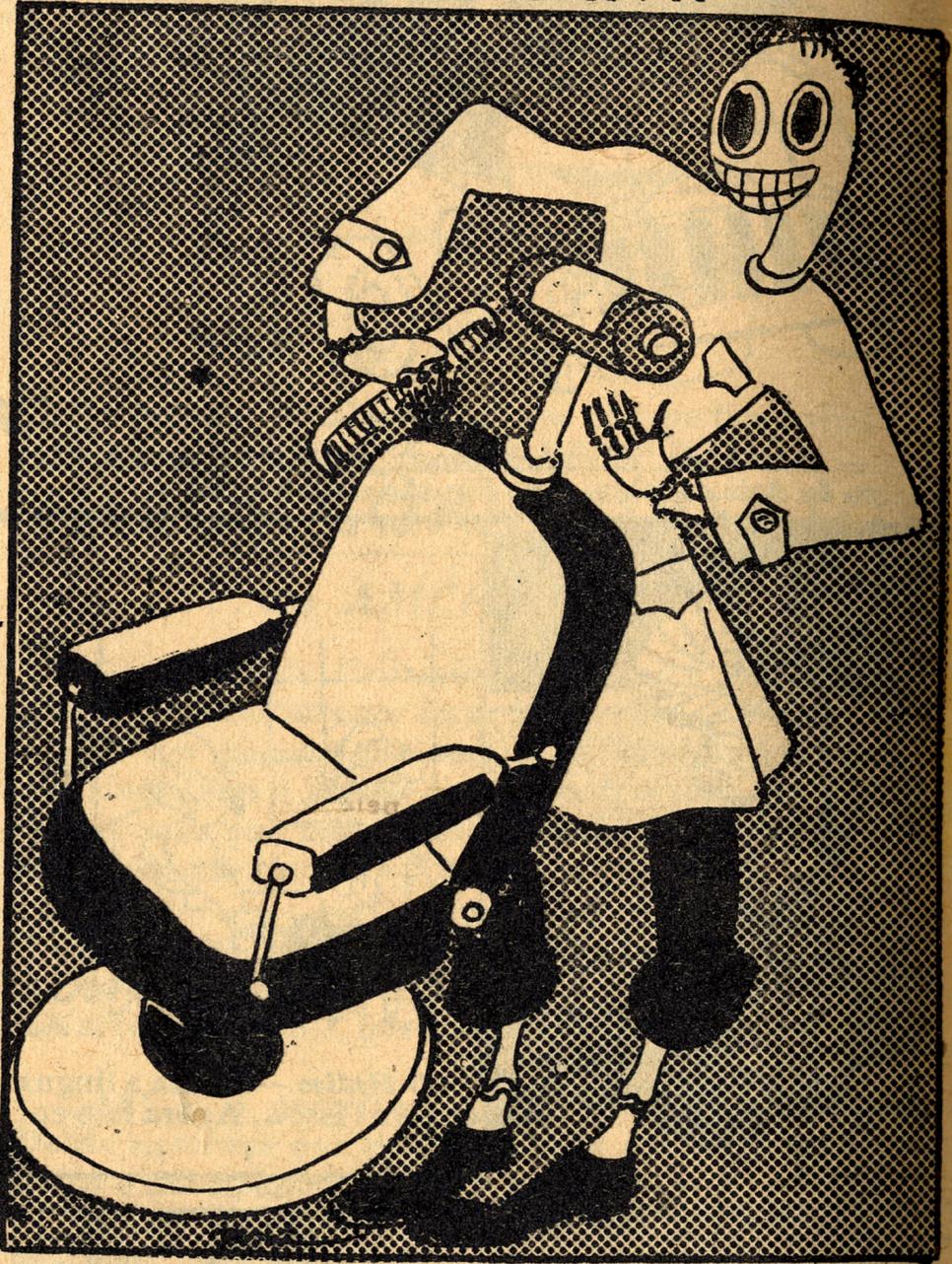
Artur Ançã

Quadra n.º 49

*Arranjei um casamento
P'ra na vida descansar,
Mas fiquei — oh, que tormento! —
Com sogra para aturar!*

«Tojalson»

ESQUELETO XVII



— Não demora nada!

— Quem é?

Aí vai a resposta

Antero Nunes Moreira (Porto) — O conto que nos envia para o concurso tem um defeito: é já ter sido publicado no «Riso» um muito semelhante. Não o texto em si mas o final que visa o mesmo assunto. É pena por que o senhor tem graça. Continui a escrever. Cumprimentos e Salamago.



Adriano da Conceição Moraes (Porto) — Para o concurso do melhor conto o senhor envia-nos um trabalho que não é um conto. E para um jornal humorístico como o nosso o assunto não tem qualquer partícula humorística. Está muito bem escrito mas... mas, paciência.

Carlos Alberto Figueiredo — O meu amigo pode mandar os originais que quiser. Se forem bons serão publicados.

Roblin de Macedo — Só agora nos é possível responder-lhe. O jornal está às ordens. Quando quiser é só mandar... o original. Cumprimentos.

Dr. das Duzias (Coimbra) — Para o concurso do melhor conto não se aceitam adaptações. Tudo originalzinho saído do auto-bestunto, compreendeu? Cumprimentos e escreva por que você é dos que têm graça!



— Sabes qual foi o resultado do duelo travado no tribunal entre o meu advogado e o juiz?

— ???

— Este!... O de eu estar aqui!

ENTRE FUMOS DE «CHAMPAGNE»

(Continuação da pág. 3)

versos manjares, que eu engulira com medo que se acabasse.

Passei a mão pelos olhos durante um bocado e depois tornei a olhar... e fiquei perplexo. Na base do candieiro uma forma mal definida de animal vulgar movia-se de mistura com os alimentos rejeitados, farejando o chão.

Como podia ser????!!!!... que comi pudim, lagosta, amêndoas e rebuçados inteiros, pasteis, peru, lembra-me eu... agora cão!...

Uma voz conhecida veio arrancar-me aos meus pensamentos.

— Então doutor! Que faz você aí agarrado ao candieiro?... Ande lá que eu levo-o a casa.

— Olhe lá... ó Cunha... você também comeu cão????...

Pela primeira vez o homem malcriadamente, não me respondeu, e a viagem de taxi até casa decorreu sem incidentes. Apenas eu estava meio convencido que tinha um bocado de candieiro dentro da cabeça. Aquele peso...

Dentro do quarto olhei em volta.

A bacia de lavar as mãos, muito branca despertou-me a atenção... instintivamente cor-

ri para ela ...lá deixar o pedaço de candieiro...

A primeira tentativa os bordos afastaram-se e eu meti-lhe as mãos dentro.

Tinha água... que sarilho... era preciso despejar aquilo...

Afastei então os braços, e fechando-os depois, apanhei-a. A janela aberta, pareceu-me propícia ao meu intento.

Aquela hora, 11 e 30 mais ou menos, a rua tinha ainda um movimento regular mas eu sou muito distraído... e a água da bacia lá foi por ali abaixo...

Imediatamente um coro de improperios subiu até mim... empalideci... as pernas vergaram-se... e as minhas mãos trémulas deixaram escapar a bacia que caiu no chão com grande fragor... que desgraça!...

Quando o meu vizinho de baixo, atraído pelo ruído feito pela famigerada bacia entrou pelo quarto dentro, eu, arrependendo os cabelos, abatidíssimo, monologava ainda:

— Que desgraça... que grande desgraça...

— Mas desgraça o quê?!...

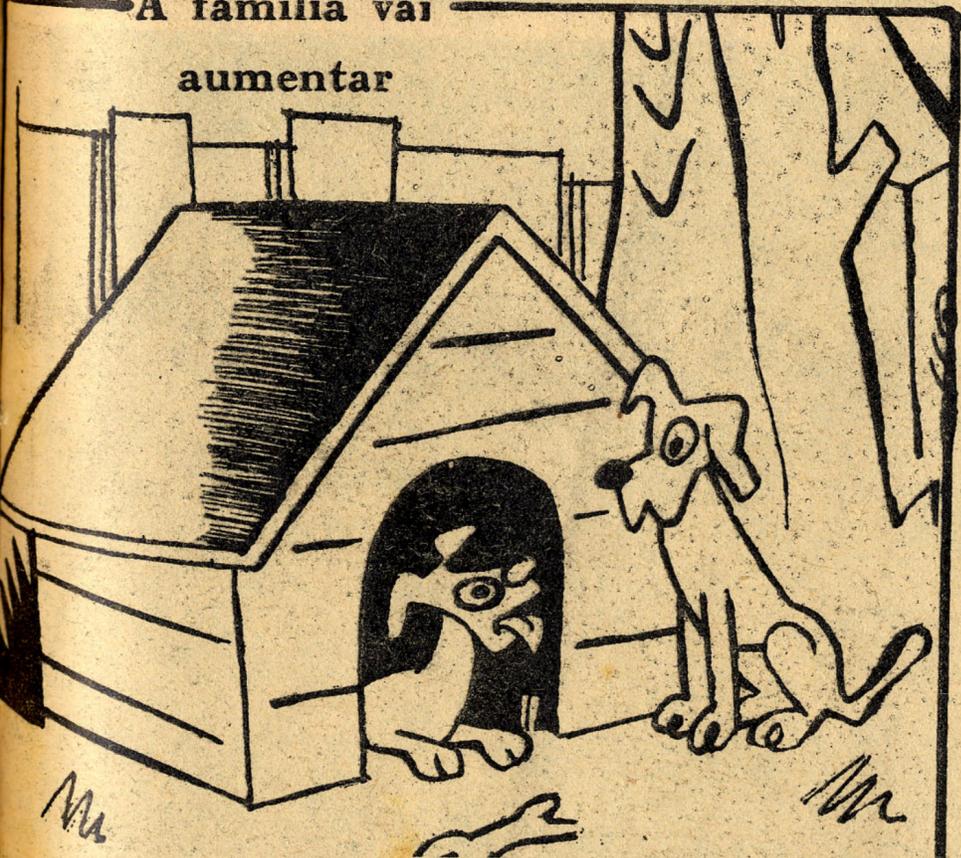
— Estava gente na bacia... — respondi.

(anedotas compiladas pelo Dr. Pietro Donovani)

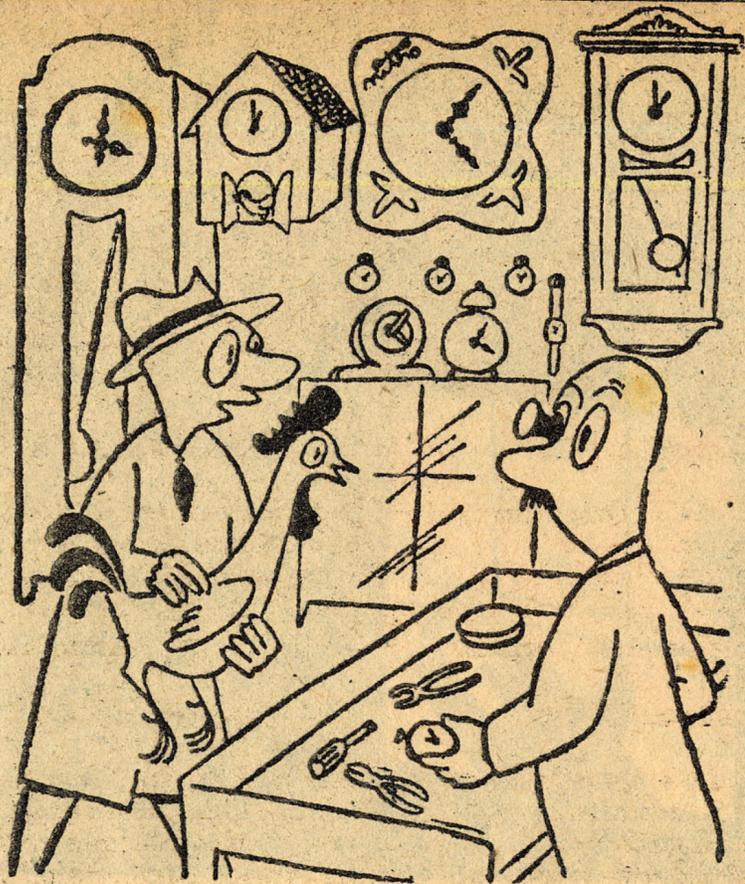
E' já no dia 10, 3.ª feira de Carnaval, ou seja de hoje a 8 dias que será posto à venda o nosso 1.º número extraordinário

32 páginas — 100 bonecos e só 10 TOSTÕES

A família vai aumentar



— Dentro de dois meses teremos que arranjar outra casinha maior, meu querido.



— Eu vinha cá para o senhor me pôr o despertador deste galo para as cinco da manhã.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA

(Continuação da pág. central)

Guarda: E' um homem que põe a mulher fora!

Vozes: Então, todos são guardas cá na terra!

Presidente: Senhores diplomatas! Falta, realmente, dinheiro, mas é preciso ter em linha de conta que se comprou um escarrador!

Um sócio: Aldrão! O homem só escarrará no século XVIII!

Presidente: Mandou-se construir uma sala de banho!

Outra voz: Banho? Quem é que toma banho, por ventura?!

Presidente: Um vestiário!

Outra voz: Onde é que estão as roupas?!

Presidente: Eu tenho sacrificado a minha vida em prol do nosso círculo: Não vou ao cinema nem ao futebol!

Vozes: Apoiado!

Presidente: Não vou para o «café»!... Não vou, porque tenho amor a tudo isto!

(Alguns associados e membros do conselho de administração choram convulsivamente.)

Presidente: Não é preciso chorar! Daqui a bocado será preciso inventar um bombeiro! Não se pode fazer tudo de uma vez! Primeiro, é preciso criar uma escola para estes filhos da massa associativa!

Uma voz: Estamos na decadência, senhor presidente. De há um tempo para cá ninguém tem inventado nada! Estamos a descer consideravelmente! Descem a nossa cotação e os nossos méritos!

Presidente: Venceremos! Et opluribus unum!

Uma voz: Isso vem no emblema do Benfica!

Presidente: O Benfica não é para aqui chamado!

Outra voz: Olha, o senhor presidente é leão!

(Gargalhada geral.)

Presidente: Não estamos no Jardim Zoológico, meus senhores!

(Neste momento um homenzinho, a suar por todos os poros, entra esbaforido, a tremmer, os olhos fora das órbitas, um olhar de doido varrido. Chega-se até junto do presidente e segreda-lhe qualquer coisa. Este dá um grande abraço ao homenzinho e ambos começam a chorar.)

Presidente: Meus senhores! Esta é a maior novidade e o maior invento que honra a nossa Academia! O prezado sócio e sábio de vasta cultura, que vêdes aqui, acaba de inventar a pedra no fígado!

(A multidão bate com a cabeça pelas paredes e sai pelas janelas a apregoar a grande nova. O jornal da tarde, com uma tiragem de 300.000 exemplares em cimento armado, esgota-se rapidamente!)

UM NÚMERO EM CHEIO

SERÁ SEM DUVIDA O DE 3.ª FEIRA GORDA!

O NUMERO DE «RISO MUNDIAL» EM QUE TODA A GENTE FALA...

... E NINGUEM OLHA AOS 10 TOSTÕES

